

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

GLEICE RODRIGUES CARDOSO

**A ARTE PERFORMÁTICA COMO MOVIMENTO FEMINISTA SOB A ÓTICA DA
SUPERMODERNIDADE DE MARC AUGÉ: Uma revisão narrativa de literatura**

Juína-MT

2019

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GLEICE RODRIGUES CARDOSO

**A ARTE PERFORMÁTICA COMO MOVIMENTO FEMINISTA SOB A ÓTICA DA
SUPERMODERNIDADE DE MARC AUGÉ: Uma revisão narrativa de literatura**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Profa. Ma. Marina Silveira Lopes.

Juína-MT

2019

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

CARDOSO, Gleice Rodrigues. **A ARTE PERFORMÁTICA COMO MOVIMENTO FEMINISTA SOB A ÓTICA DA SUPERMODERNIDADE DE MARC AUGÉ: Uma revisão narrativa de literatura.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2019.

Data da defesa: 28 de maio de 2019.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Ma. Marina Silveira Lopes

FVJ/AJES.

Membro Titular: Prof. Ms. Victor Cauê Lopes

FVJ /AJES.

Membro Titular: Profa. Dra. Marileide Antunes de Oliveira.

FVJ /AJES.

Local: Associação Juinense de Ensino Superior

AJES - Faculdade do Vale do Juruena

Unidade Sede, Juína-MT

DECLARAÇÃO DA AUTORA

*Eu, Gleice Rodrigues Cardoso, portadora da Cédula de Identidade – RG nº 2659798-5 SSP/MT, e inscrita no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 057.735.581-30, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **A ARTE PERFORMÁTICA COMO MOVIMENTO FEMINISTA SOB A ÓTICA DA SUPERMODERNIDADE DE MARC AUGÉ: Uma revisão narrativa**, pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e à autora.*

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referência à fonte e à autora.

Juína, ____ de _____ 2019.

Gleice Rodrigues Cardoso

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela gratidão de bênçãos.

A minha querida orientadora, pela prestatividade em dar muito apoio e conduzir este trabalho. Maior gratidão, pelo conhecimento que transcende o nível intelectual transformando minha personalidade.

Minha psicóloga, aquela que me estimula o crescimento com muita paciência e sabedoria.

Aos meus amigos e familiares, que diretamente ou indiretamente, contribuíram para a elaboração desse estudo.

EPÍGRAFE

Não se pode escrever nada com indiferença.
Simone de Beauvoir (1908 – 1986)

RESUMO

A arte tem sido uma ferramenta para compreensão da estrutura social e cultural. Ao estudar sobre sua historicidade percebe o pouco destaque das mulheres artistas, já na modernidade e na contemporaneidade, está realidade vem sendo transformada com o maior espaço da artista feminina, como por meio da arte performática. Esta arte tem o corpo como o principal objeto da performance e por meio dele são provocadas variadas reflexões, inclusive reivindicar os direitos das mulheres em não incorporar os estereótipos de gênero e tornarem-se empoderadas. Diante desta realidade, o estudo pretende investigar e analisar como ocorre o movimento feminista por meio da arte performática sob a ótica da supermodernidade. A relevância deste estudo está na compreensão da realidade social vivida e representada nas performances, um importante meio de reivindicação e consolidação do espaço feminino na arte. A metodologia se apropria da revisão narrativa e análise de duas performances de Valie Export e um cartaz de *Guerrillas Girls*. Os resultados obtidos são levantados a partir da discussão destes dois elementos, a obra e a literatura. Diante disso, foi possível verificar que é possível analisar as obras performáticas feministas em não -lugares. Por fim, pode se considerar que o campo de pesquisa nesta área ainda carece de estudos sobre os impactos da arte performática na transformação da realidade.

Palavras-chave: Arte Performática, Movimento Feminista; Supermodernidade; Empoderamento; Não – lugar.

RESUMÉN

El arte ha sido una herramienta para comprender la estructura social y cultural. En el estudio sobre su historicidad percibe el poco destaque de las mujeres artistas, ya en la modernidad y en la contemporaneidad, está realidad viene siendo transformada con el mayor espacio de la artista femenina, como por medio del arte performático. Este arte tiene el cuerpo como el principal objeto de la performance y por medio de él son provocadas variadas reflexiones, incluso reivindicar los derechos de las mujeres en no incorporar los estereotipos de género y tornarse empoderadas. Ante esta realidad, el estudio pretende investigar y analizar cómo ocurre el movimiento feminista por medio del arte performático bajo la óptica de la supermodernidad. La relevancia de este estudio está en la comprensión de la realidad social vivida y representada en las performances, un importante medio de reivindicación y consolidación del espacio femenino en el arte. La metodología se apropia de la revisión narrativa y análisis de dos performances de Valie Export y un cartel de Guerrillas Girls. Los resultados obtenidos se plantean a partir de la discusión de estos dos elementos, la obra y la literatura. Ante ello, fue posible verificar que es posible analizar las obras ejecutantes feministas en no-plazas. Por último, puede considerarse que el campo de investigación en esta área todavía carece de estudios sobre los impactos del arte performático en la transformación de la realidad.

Palabras-clave: Arte Performático, Movimiento Feminista; supermodernidad; empoderamiento; No - lugar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vênus de Willendorf (28000-25000 a.n.e)	14
Figura 2 - Arte Mesopotâmica: Touro alado (Shedu) e Arte Egípcia: Deusa Isís.....	14
Figura 3 - Poetisa Safo da Ilha de Lesbos	15
Figura 4 - Afresco sobre a sexualidade em Roma	16
Figura 5 - Judite Decapitando Holofernes (1622)	18
Figura 6 - Performance de Marina Abramovic em <i>MoMA</i>	19
Figura 7 - A <i>Gare</i> de Tarsila de Amaral e Estação de Trem Francesa <i>Gare du Nord</i>	24
Figura 8 - O Carnaval de Madureira de Tarsila do Amaral e Torre <i>Eiffel</i> de Madureira	24
Figura 9 - A performance de Valie Export	30
Figura 10 - Performance de Valie Export.....	31
Figura 11 - <i>Guerrillas Girls</i> Cartaz de Manifestação.....	32
Figura 12 - A Grande Odalisca de Ingre (1814).....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 ARTE: HISTÓRICO E MANIFESTAÇÕES FEMININAS	13
1.2 O MOVIMENTO FEMINISTA E SUA REPRESENTATIVIDADE	19
1.3 A SUPERMODERNIDADE DE MARC AUGÉ.....	22
2 METODOLOGIA.....	26
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

A arte é atividade de expressão mais antiga, através dela todas as emoções humanas podem ser representadas. No processo histórico, estilos, percepções foram reproduzidas, pela escultura, literatura, arquitetura e principalmente, na pintura. Há séculos essa forma de expressar-se ficou hermeticamente fechada aos homens, as poucas mulheres que ousaram utilizá-las foram hostilizadas pela sociedade patriarcal, tanto no ocidente quanto no oriente. Com a chegada dos Séculos XVIII e XIX, elas começaram a se destacar nesse mundo pretensamente masculino. Na literatura, na escultura e na pintura, tímida e furtivamente começaram a se destacar.

As manifestações artísticas foram se proliferando, se criando e se recriando e, cada vez mais mostrando o lado feminino em sua luta pela igualdade e respeito de uma sociedade dominada pelos homens. Tal luta, foi nominada de movimento feminista. No entanto, podemos ver na história que movimentos feministas surgiram isoladamente, com as mulheres empoderadas¹ como Cleópatra, reconhecida atualmente, como uma grande estrategista, Hipátia, filósofa do início da Idade Média, que deu sua vida pelo comprometimento com o conhecimento, Olympe de Gouges, na modernidade, à Declaração Universal da Mulher e Cidadã, Simone de Beauvoir, filósofa e escritora, uma das primeiras a questionar as questões de gênero, entre outras. Essas mulheres romperam os paradigmas sociais e contribuíram para a abertura e o crescimento de novos caminhos para outras mulheres alçarem voo.

O século XX foi um marco na história feminina, mulheres destacaram-se pelo seu empoderamento, principalmente no mundo das artes. Na modernidade² elas ultrapassaram barreiras e irritaram os homens. Hoje, elas são consideradas mulheres protagonistas da luta feminina e que influenciam a sua e as futuras gerações. Esse empoderamento trouxe marcas profundas às manifestações artísticas das mulheres na supermodernidade³. E, a partir daí a arte pode ser produzida de todas as maneiras, que para muitos, não a veem como arte, exatamente

¹ Empoderamento feminino é o ato de conceder o poder de participação social às mulheres, garantindo que possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos, como a total igualdade entre os gêneros, por exemplo. Disponível em: www.significados.com.br/empoderamento-feminino/. Acesso em: 17 maio, 2019.

² A modernidade costuma ser entendida como um ideário ou visão do mundo relacionada ao projeto empreendido a partir da transição teórica operada por Descartes, com a ruptura com a tradição herdada - o pensamento medieval dominado pela Escolástica - e o estabelecimento da autonomia da razão, o que teve enormes repercussões sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais. O projeto moderno consolida-se com a Revolução Industrial e é normalmente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo. A modernidade transita, em seu fechamento e esgotamento, para a pós-modernidade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n5/1678-4464-csp-32-05-e00158215.pdf>>. Acesso em: 17 maio, 2019.

³ Conceito construído pelo antropólogo francês Marc Augé.

como aconteceu no Brasil na Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, no Brasil. Uma dessas artes pode ser encontrada nas performances, a qual será o ponto questionador e reflexivo desse trabalho.

Para discorrermos sobre essa maneira ousada de fazer arte elencamos as perguntas: Como o movimento feminista se mostra nessas performances artísticas? Como elas representam a identidade⁴ feminina? Quais são as contribuições dessa arte para a transformação da realidade feminina na supermodernidade?

A supermodernidade está atrelada à internet e a globalização, hoje, como tudo acontece em tempo real, todas as distâncias foram encurtadas, tornar-se importante saber e entender com as mais variadas formas de expressão artísticas influência direta ou indiretamente uma sociedade. A arte performática é um medidor social ao que tange, às questões de gênero, homofobia, xenofobia, conservadorismo, racismo entre outras mazelas que a nossa sociedade global vem vivenciando. Esse tipo de arte cutuca o que é ser “privado” para a mulher e, nisso se desestrutura o mundo confortável dos homens. As mulheres performances rompem com esse paradigma do privado e transformam-se em protagonistas da luta feminista, no âmbito público, esse modo de enfrentamento transformando-o em empoderamento. Dar espaço a essas mulheres e as suas artes performáticas, não apenas é uma maneira de reconhecer seu valor, enquanto a condição de mulher, mas, também dar lugar de destaque para reflexões e discussões do seu potencial de transformação de realidade.

Partindo disso, pretendemos evidenciar tais performances na sociedade, como mais um meio de vincular essa atividade e abrir mais caminhos para as diversas formas de expressão. Ademais, trata-se de um estudo cujo seu interesse abrange diversas áreas de estudos, construindo um diálogo entre a psicologia e as mais variadas ciências sociais e humanas.

Pretende-se, neste trabalho, verificar o empoderamento feminino nas artes performáticas sob a ótica da supermodernidade. Bem como, proporcionar ao leitor uma compreensão dessa manifestação como ato dos movimentos feministas, analisar três obras sobre o empoderamento feminino na arte performática que se propaga nos não-lugares, considerando a teoria da supermodernidade.

⁴ Identidade Social sob a ótica da Psicologia Sócio-Crítica, como aponta Miranda (2014, 124 p.) significa “internalização das normas sociais”. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/download/1481/1379>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

O estudo foi dividido tópicos: introdução, no referencial teórico trabalhamos a Arte: histórico e movimentos feminista, o movimento feminista e sua representatividade, a supermodernidade de Marc Augé. A metodologia adotada foi a revisão narrativa de literatura e análise de performances feministas. Com este procedimento obteve-se ao resultado que às performances ocorrem em lugares não antropológicos e na supermodernidade.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é um tópico do trabalho dedicado para a conceituação e apresentação da temática, juntamente facilita, a apreciação dos resultados e discussões da pesquisa. Diante desta necessidade, a historicidade da arte será apresentada desde do período Paleolítico e Neolítico até a sua evolução na supermodernidade – período que terá dedicação no estudo; logo, o movimento feminista, que se apropria da arte para sua manifestação, terá sua história apresentada e discutida a partir de algumas de suas vertentes e por fim, a teoria do não-lugar, proposta pelo antropólogo francês Marc Augé⁵, terá destaque no final do tópico para o entendimento da realidade atual, ou melhor, da supermodernidade. Portanto, a correlação de cada temática será bem expressa nos resultados e discussões.

1.1 ARTE: HISTÓRICO E MANIFESTAÇÕES FEMININAS

A arte é considerada uma das primeiras manifestações do ser humano, nos períodos mais rupestres há evidências de sua expressão. No entanto, na atualidade a arte predomina em variadas dimensões e facetas, seja pelo traço do pincel, pelo manuseio das argilas, ou pelo movimento expressivo do corpo e pelo balanço do *spray*. Dentro do panorama social, o conceito de belo sofre alterações, essas alterações na estética, assim como a própria conceituação de arte, também influenciam em cada grupo étnico, no entanto, por meio da apreciação das expressões artísticas que pode conhecer as características culturais (PLAZA, 2003).

A palavra arte está em consonância com o período histórico e social. Sua condição dependerá de certa forma da necessidade e da motivação de modo geral. A arte pode ser definida como uma atividade transformadora elaborada pelo ser humano, como indica o Dicionário Online Michaelis, a arte representa toda maneira de conhecimento ou atividade humana, em contradição ao natural e ao acaso, conduzida pelo racional e pela utilidade, essa arte envolve a ciência e a filosofia (HODGE, 2018).

No Paleolítico e Neolítico, a arte está relacionada à caça e ao trabalho, à magia era um ingrediente que se mistura os retratos de animais (alvos dos caçadores) e isso atribuiu, de certa

⁵ A proposta de Marc Augé limita-se a sua primeira publicação dos não-lugares, formulando sua teoria da Supermodernidade. Rogério Haesbaert contrapõe a teoria de não-lugares, afirma que mesmo nestes lugares, o sujeito que transita leva consigo sua constituição histórica, sua identidade e suas relações sociais. Apesar da existência de visões contrárias a teoria de Augé inicial, até mesmo o próprio antropólogo, refletir e realizar novas considerações sobre a sua teoria, o trabalho tem seu foco na sua obra inicial. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2063> >. Acesso em: 07 jun. 2019.

maneira, características mágicas aos autores dessas obras. As passagens destes períodos foram marcadas pelas transformações culturais, o ser humano deixa de ser vagante e passa a ser nômade, altera a maneira do ser humano de se relacionar com a natureza e, ao mesmo tempo, proporciona o desenvolvimento de certas habilidades, a Vênus de Willendorf é um dos maiores exemplos de manifestação artística no período Paleolítico, como bem ilustra a figura 1 (ZANINI, 1994).

Figura 1 - Vênus de Willendorf (28000-25000 a.n.e)



Fonte: Google Imagens, 2019.

Na Mesopotâmia⁶, tem se uma dificuldade na definição da expressão artística, pois, havia variados grupos étnicos, por sua vez, eram heterogêneos, como os grupos dos sumérios e os babilônios. A natureza fornecia os principais materiais para a produção de obras artísticas, já a arquitetura, estava relacionada a grandiosidade, expressas em templos e palácios; as músicas e as esculturas eram manifestações religiosas. Essa última característica da arte na Mesopotâmia também era compartilhada na arte egípcia. Os faraós, com *status* de deuses, determinavam as expressões artísticas do exterior e do interior das pirâmides, esses monumentos significavam suas honras e as crenças sobre vida após a morte, como indica a figura 2 (MAGALHÃES, 2008).

Figura 2 - Arte Mesopotâmica: Touro alado (Shedu) e Arte Egípcia: Deusa Isis

⁶ A Mesopotâmia, localizada entre os rios Eufrates e Tigres, atualmente, compreende os seguintes países Iraque, Kuwait, Síria, Turquia-Síria, Irã-Iraque. Considerada o berço da humanidade e foi habitada por grandes civilizações, tais elas, os Sumérios, Babilônios e os Assírios. Disponível em: <http://www.fec.unicamp.br/~caxd/falcetta/_resumos/hist2.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.



Fonte: Google Imagens, 2019.

Já a arte expressa na Grécia Antiga é apreciada até a atualidade, devido à perfeição das formas e a estética. Um período de grande efervescência na Grécia foi denominado de Época do Péricles, cujas características da democracia e a liberdade de pensamento afetam as manifestações artísticas. Na pintura, foi criada a técnica, mais voltado a um truque de ilusão ótica, onde duas estruturas sobrepostas tinham a aparência de três estruturas; nas esculturas, a perfeição estava determinada na expressão de cada detalhe como se fosse real, como na delimitação dos músculos, nas expressões faciais e nos detalhes de cada veia e na arquitetura, as grandiosas construções eram simétricas e de proporções semelhantes (ZANINI, 1994).

Figura 3 - Poetisa Safo da Ilha de Lesbos



Fonte: Google Imagens, 2019.

Safo⁷, nascida em 630 a.C., uma representante da arte na Grécia Antiga, mulher poetisa e a primeira escritora feminina, com registros, seus escritos foram encontrados e transcritos pela Biblioteca de Alexandria, no entanto, os papiros já estavam em decomposição e com isso parte de suas poesias foram perdidas, como ilustra a figura 03. As publicadas estavam voltadas a

⁷ Existem estudos que levam a acreditar na homossexualidade de Safo. E o termo lésbica relaciona-se com o nome da Ilha de Lesbos. Disponível em: www.wikipedia.com.br. Acesso em: 16 maio, 2019.

descrição da sensualidade da mulher, assim, há diversas discussões sobre sua vida e obra, algumas polêmicas sobre o significado de seus escritos, pode envolver, a sua orientação sexual, a representação do feminino em seu tempo ou até mesmo, a sua própria imagem refletida em suas poesias (ALMEIDA, 2010).

Na Roma Antiga, a influência da arte grega era bem vista em ornamentos em bronze importado da Grécia, uma inovação romana na arquitetura e que perdura até os dias atuais e o concreto, o qual possibilitou a cobertura de espaço até então abertos; as pinturas eram inicialmente realizadas em gessos, depois mudadas para espaçosos painéis com representações de pessoas e animais (MAGALHÃES, 2008), conferir a figura 04.

Figura 4 - Afresco⁸ sobre a sexualidade em Roma



Fonte: Google Imagens, 2019.

A Igreja Católica tinha grande influência na Idade Média, inclusive na arte, as pinturas eram maneiras de ensinar a população os ensinamentos bíblicos, pois, poucas pessoas sabiam ler, uma vez que o conhecimento se restringia a nobreza e ao clero. A arte bizantina e a arte gótica expressava a religiosidade desse período, no entanto, voltado à arquitetura, como monumentos e catedrais, locais que se manifestaram a fé e o desenvolvimento intelectual. Ademais, nesse período teve influência da arte romana, com os arcos redondos e as longas colunas, denominada de arte românica (FERREIRA & OLIVEIRA, S/D).

⁸ Afresco é o nome que designa uma técnica artística que utiliza argamassa e outros materiais naturais, utilizada desde a antiguidade. Disponível em: <<http://www.ieij.com.br/CULTieij.2018/Semana07/CULTieij.2018.Semana07.Arte.Ano7o.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

A Catedral de Charters, localizada França, reúne as características da arte na Idade Média, como os vitrais que representam Arte Gótica⁹, as longas colunas que transcrevem a Arte Românica¹⁰, a coleção de imagens religiosas como expressa a Arte Bizantina¹¹. Uma mulher influente na Idade Média foi Catarina de Vigri, em um mosteiro, um lugar cercado pelo domínio masculino até na figura de divindade, teve destaque pelas suas obras artísticas e realizava a tradução dos manuscritos religiosos, condição que raramente mulheres de sua época desempenhavam. Devido sua fidelidade à religião, foi canonizada em 1712, isso é, transformou-se em um símbolo da fé católica que vigora até os dias atuais, conhecida como Santa Catharina de Bolonhas (HODGE, 2018).

Outra artista feminina da época da Idade Média é a Artemísia Gentileschi (1593-1656) uma pintora italiana, considerada uma manifestação feminista de sucesso na época, reivindicou o seu direito após ser estuprada e foi documentado como o primeiro caso a ser julgado a favor da mulher, como expressa em seu quadro *Susana e os Velhos*, pintado em 1622. Outra obra expressiva para o movimento feminista foi *Judite Decapitando Holofernes* sob influência da obra Caravaggio (1570-1610), Gentileschi pintou duas mulheres esfaqueando um homem, traçou em sua obra o poder feminino sobre homens influentes em sua época, percebe-se na figura 5 (MAGALHÃES, 2008).

⁹ A Arte Gótica é um termo para designar o estilo artístico adotado na Idade Média, contrasta-se ao estilo românico, teve sua principal manifestação na arquitetura e se apossava das grandes construções religiosas. Disponível em:< http://professor.ufop.br/sites/default/files/celiomacedo/files/arte_gotica.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

¹⁰ A Arte Românica, surgiu na Europa, nos séculos XI e XII, cujas características são predominantes em colunas, com ângulos retos e arredondados. Disponível em:< <http://www.ieij.com.br/CULTieij.2018/Semana11/CULTieij.2018.Semana11.Arte.Ano6o.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

¹¹ Já a Arte Bizantina tem a principal característica a riqueza de detalhes, mosaicos coloridos e a religiosidade. Disponível em:< <https://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2019/04/A-Arte-Bizantina.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

Figura 5 - Judite Decapitando Holofernes (1622)



Fonte: Google Imagens, 2019.

Seguindo a linha história para compreensão da arte, durante o Renascimento, período denominado de nascimento da luz, em contramão do período da escuridão - devido ao retrocesso do crescimento intelectual do ser humano e avanço da religiosidade - traz consigo outras características, obviamente, contrários à Idade Média, como a razão, o antropocentrismo e a beleza do corpo humano (ZANINI, 1994). No entanto, o ideal do período anterior ainda invade as obras de arte no renascimento. A arte moderna, consolidada no Brasil com a Semana da Arte Moderna, tem como finalidade romper com os padrões artísticos, até então vigentes, como expressas as correntes artísticas: surrealismo, cubismo e expressionismo (PLAZA, 2003).

Na Modernidade e na Contemporaneidade, apesar da efervescência da arte, a categoria mais polêmica está na arte performance. Sobre a sua conceituação Gómez Pena (2005, p.2) retrata que “a desempenho é tanto a antítese quanto o antídoto para a alta cultura”, isso é, uma maneira de se rebelar contra o paradigma dominante, o qual questiona o padrão de relacionamento com o corpo humano, as relações humanas como expressa a performance de Marina Abramovic, ver figura 06, e as relações com os animais revelada Joseph Beuys, na performance *How To Plain Pictures To a Dead Hare*¹², ou até mesmo o poder da política sobre o cotidiano do sujeito como expressa Beys em suas palestras que se fundem aos movimentos corporais (PLAZA, 2003).

¹² Tradução livre: Como fotos simples para uma lebre morta.

Figura 6 - Performance de Marina Abramovic em MoMA¹³



Fonte: Google Imagens, 2019.

Outros a definem como uma modalidade de expressão artística, considerada pelos críticos como efêmera, o qual o corpo se torna o alvo da manifestação artística, outra característica, está relacionada com a público presente na performance, diferente de uma pintura ou de uma escultura que o mesmo só presencia o resultado, nessa modalidade o público faz parte da arte, como atores secundários, sendo o artista o protagonista (MAGALHÃES & LEAL, 2016).

Diante disso, o movimento feminista se concentrou em manifestações a fim de que as mulheres pudessem ter voz e vez, como trataremos no tópico a seguir.

1.2 O MOVIMENTO FEMINISTA E SUA REPRESENTATIVIDADE

Na literatura sobre o movimento feminista, o seu início está datado nos anos 1970, por sua vez, essa época não expressa a mobilização feminina, na verdade, esconde os esforços de várias mulheres que antes desse período se manifestaram contra o sistema patriarcal e revolucionaram a si mesma e as outras gerações. Uma das justificativas para essa omissão está no fato de que a história é contada pelas vozes masculinas, outra maneira de dominação, pois, não retratam os grandes feitos das mulheres e sua importância ao desenvolvimento em diversos âmbitos da sociedade, como até mesmo anterior aos anos 70 (CORREA, 2001).

Ele é um movimento social que traz consigo sua própria bagagem histórica e sua reflexão sobre a realidade, uma peculiaridade que difere esse movimento de outras maneiras de

¹³ MoMA é a sigla que significa O Museu de Arte Moderna, localizado na cidade de Nova York (EUA).

movimento feminista. Ao tratar da sua história produzida pelas ciências humanas há uma divisão em três períodos, ou melhor, em três ondas, cada uma retrata um momento histórico, uma luta diferente e centra-se em um país do continente europeu ou a “superpotência” norte americana. Já no senso comum, realidade justificada pelas expressões das redes sociais, o movimento feminista está relacionado ao feminismo, isso é, o sinônimo de machismo, a dominação feminina sobre o masculino (PINHO & OLIVEIRA, 2013).

A história desses movimentos está voltada a um olhar centralizado em países considerados desenvolvidos, chamados de primeiro mundo, uma prática excludente dentro de um movimento que tem a finalidade de incluir uma parte das mulheres. Ademais, ele é heterogêneo, isso dificulta alinhar uma historicidade sobre sua evolução e até mesmo traçar uma única ideologia para esse movimento. No entanto, há algumas lutas feministas que se destacam ao tomar maior espaço, até mesmo desproporcional, mas essa característica está relacionada ao país que vincula essa atividade (BITTENCOURT, 2015).

A primeira onda veio no final do século XIX. Essas manifestações estão relacionadas com os direitos até então já desfrutados pelos homens, o direito do voto, isso é, a falta de representatividade da mulher no poder político. As mulheres que participaram desse movimento foram denominadas de sufragistas. Nesta onda, por mera coincidência ou não, nasce no mesmo período que a sociologia, com a efervescência da industrialização, com o êxodo rural, com o liberalismo a vapor e o avanço do capitalismo (PINTO, 2010).

Nesse período, o papel social da mulher está voltado ao âmbito privado. Um dos estímulos para a construção dessa visão reducionista são os conhecimentos fundamentados na ciência e aqueles ainda enraizados pela Igreja Católica na Idade Média. Um exemplo dessa dominação pela ciência dá-se pela filosofia, Aristóteles, defendia o argumento que a mulher deve submissão ao homem, devido sua inferioridade nata, o qual a restringe ao âmbito privado. A realidade feminina era restrita ao ambiente doméstico e o analfabetismo era considerado uma virtude entre elas, até o século XIX (COSTA, 2010).

A partir do século XIX, o conceito de gênero começa a ser debatido e com isso surge a necessidade de repensar o lugar que o sexo feminino ocupa na sociedade, permitindo averiguar a desigualdade até então vedada. Diante dessa realidade, surge na Europa e nos Estados Unidos o movimento feminista denominado de sufragista, com a reivindicação dos direitos humanos até então negados nesse período, principalmente, o de votar e ser votada, como ilustra o filme *As Sufragistas*, lançado em 2015 (CAETANO, 2017).

Esses movimentos de primeira onda prendiam-se ao discurso universal e liberal, quesito importado do Iluminismo. Distante da realidade vivida, as mulheres acreditavam que seus direitos eram negligenciados, pois esses direitos não existiam, apesar eram consumidos por uma parte da sociedade, os homens brancos e burgueses. Além do mais, as mulheres negras participavam ativamente dessa luta, na verdade incorporando as peculiaridades vividas por elas, tal peculiaridade se refere à luta contra a escravidão, por sua vez, a interseccionalidade e o feminismo negro não são um fenômeno da contemporaneidade. Ainda há expressões das lutas feministas que incorporaram o discurso marxista em sua ideologia, o qual constitui o feminismo marxista, outra vertente do movimento feminista (MARIANO, 2016).

Um marco teórico para a segunda onda está na publicação de Simone de Beauvoir, o Segundo Sexo. Nesta obra, a filósofa abre espaço para a discussão da naturalização do papel social da mulher na sociedade, marcado com a sua solene frase ‘não se nasce mulher, torna-se’. Com uma linguagem rebelde e devastadora para a sua época, Beauvoir tem a audácia de enfrentar o paradigma dominante, questão não apenas observada em suas obras, mas refletida em sua vida pessoal, pois, deleita-se em relações com ambos os sexos, casa com Jean Sartre e não se priva a viver uma vida doméstica e não incorpora a maternidade em sua vida. Simone, assim mesmo em seu primeiro nome para deixar claro sua intimidade com o feminismo, pode ser considerada uma revolucionária e que deixa um legado que até na atualidade gera força ao movimento feminino (CYFER, 2015).

Como já notado, durante a segunda onda foi incorporado o desenvolvimento teórico ao movimento feminino, até mesmo para consolidar as vozes feministas em sua emancipação e proporcionar um desenvolvimento intelectual, campo até então dominado pelos homens. Neste período, a sororidade é agregada a luta feminista, isso é, a irmandade entre mulheres na luta para a liberdade social, como naquele ditado popular ‘juntas somos mais fortes’. Juntamente a isso, o movimento se concentrou nas reivindicações sobre os direitos reprodutivos e sexuais. No entanto, para tal manifestação ocorrer há uma constante reflexão sobre as conceituações de sexo e gênero, o primeiro consiste no fenótipo, já o segundo, nas características construídas que atribui papéis específicos a cada um na sociedade (MENDES, VAZ & CARVALHO, 2015).

A sociedade com o sistema patriarcal e capitalista atribui diferentes papéis sociais aos seus membros, inclusive essas diferenças tornam-se mais nítidas em relação aos gêneros. Os papéis sociais revelam as funcionalidades de cada sujeito em um coletivo, como um homem é definido ao âmbito público, já a mulher, ao privado. Esses papéis sociais atribuídos a cada

gênero, em sua maioria, traduzem-se em limitações, provocando sofrimento e até a morte, como o caso do feminicídio¹⁴ (BETEMPS, 2019).

Cada sujeito ao nascer já é inserido em uma sociedade com esses papéis sociais já preestabelecidos, construídos no decorrer da história. Entretanto, a condição social nem sempre desempenha uma função determinante em um indivíduo, como é o caso de muitas mulheres que buscam romper com os estereótipos de gênero, e são denominadas de feministas (MENDES & CARVALHO, 2015).

Assim, os movimentos feministas vêm ganhando espaço, na supermodernidade de Marc Augé.

1.3 A SUPERMODERNIDADE DE MARC AUGÉ

Marc Augé é um antropólogo francês que estuda as relações do ser humano com o seu espaço social, partindo deste estudo, elabora a teoria da supermodernidade. Nesta teoria, o teórico afirma que não há uma ruptura da pós modernidade, na verdade há uma continuidade, essa continuidade dá-se o nome de supermodernidade. A supermodernidade trás o prefixo super como uma boa conceituação do que ocorre na nossa realidade de excessos, como define em superabundância factual. O exagero pode ser bem visto em diversos espaços públicos e principalmente, no universo da internet (AUGÉ, 1994).

Destaca-se em sua teoria o enfraquecimento das referências coletivas, o qual dá espaço à individuação das referências. As referências, sobre efeito da globalização, tem sido generalizada em variados locais, principalmente, nos espaços públicos na supermodernidade, como os aeroportos de São Paulo, de Berlim, de Buenos Aires, ao observar as características desses locais de transição, se bem que os referidos locais sejam em países diferentes, percebe-se elementos comuns em ambos, como os postos de atendimentos, lanchonetes do *MacDonalds*, pontos de embarques, isso é a individuação das referências. Outra nuance que se destaca deste cenário, é o enfraquecimento das relações sociais e solidão do sujeito na supermodernidade (AUGÉ, 1994).

Diante da supermodernidade, a revolução tecnológica tem sido um elemento que transforma a estrutura social, objeto de pesquisa de Marc Augé. Com a internet, uma rede que conecta pessoas distantes e localidades, tem alterando minuciosamente as relações sociais.

¹⁴ Homicídio contra a mulher por razões da condição de sexo feminino (Art. 121, Código Penal, 1940).

Outra notória característica é o o encurtamento do espaço e tempo, resultado da aproximação de países e pessoas, por meio deste entendimento, há uma constante reflexão sobre a categoria tempo e como ela se adequa na supermodernidade, Marc Augé, enfatiza que esta noção temporal clássica não se explica este encurtamento que ocorre na supermodernidade, sendo que exige uma nova estruturação deste conceito para melhor compreender e explicar o tempo neste período (AUGÉ, 1994).

Igualmente ocorre com a noção espacial, Augé acredita no encolhimento do mundo, devido a facilidade do sujeito de navegar por ele pela internet e até mesmo, com a transação de um país ao outro, apesar das severas políticas de imigração de alguns países. O referido antropólogo em seu famoso livro *Os não-lugares: Introdução a Uma Antropologia da Supermodernidade*, publicado em 1992, traz a conceituação de não - lugares são localidades que não são capazes de realizarem uma transformação no sujeito, sem capacidade de modelar a identidade. Define-se ainda que nesses espaços ocorram o trânsito frequente de pessoas, mas, a quantidade e a identificação dos sujeitos que ali transitam não são importantes (AUGÉ, 1994).

O não-lugar é sempre oposição ao lugar antropológico. Uma vez que o segundo têm uma relevância na constituição da identidade do sujeito, com fronteiras sociais delimitadas e carregada de historicidade. É nele que as relações sociais, com um espaço-tempo foram construído. Tornam-se lugares ricos em significações enquanto, o não-lugar sofre um esvaziamento dessas significações (AUGÉ, 1994). Augé coloca que os não - lugares são uma consequência da supermodernidade. Junto com eles, a supermodernidade vem a superabundância factual, ironicamente, uma escassez de materiais de construção para a identidade do sujeito, e uma nova concepção de tempo e espaço advindos a internet e da globalização e a individuação de referências.

Com a *Gare* de Tarsila do Amaral¹⁵ pode - se ilustrar o conceito de Marc Augé de não-lugares, pois a estação de trem apenas representa um lugar de transição, não - lugar formador de identidade, como bem expressa a figura 7. Especificando sobre a obra de Tarsila do Amaral, retrata um evento importante que invade o cenário urbano, as máquinas, produto da industrialização, em particular, a estação do trem, o qual importa de Paris para sua tela. Como

¹⁵ Tarsila de Amaral foi um dos ícones da Semana de Arte Moderna, incluindo Anita Malfatti, Di Cavacanti, Oswaldo de Andrade, Lima Barreto, Luiz Aranha. A primeira artista mencionada, antes da Semana de Arte Moderna, realizou uma exposição com suas obras, com traços modernistas, no entanto, foi criticada por Monteiro Lobato, na época grande influenciador. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/veja-4-curiosidades-sobre-a-semana-de-arte-moderna-de-1922/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

descreve Augé (1994, p.74) o não-lugar é aquele “que nunca se realiza totalmente”, uma sobreposição de paisagens, e as estradas que se cruzam e sobressaem na formação do morro e a favela. Como exemplificado por Augé, ilustra com as rodovias, ferrovias e outros meios de locomoção.

Figura 7 - A *Gare* de Tarsila de Amaral e Estação de Trem Francesa *Gare du Nord*



Fonte: NEXO, 2018.

Sob influência de sua vida em Paris, Tarsila de Amaral por meio do cubismo¹⁶ representa a industrialização da sociedade moderna, com as máquinas, O Carnaval de Madureira de Tarsila de Amaral, pintada em 1924, indicada na figura 8, expressa esse conceito teórico o conceito teórico de lugar antropológico, pois os sujeitos se desenvolvem nessa localidade e esse contexto faz parte da identidade do indivíduo.

Figura 8 - O Carnaval de Madureira de Tarsila do Amaral e Torre *Eiffel* de Madureira¹⁷



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, 2018.

¹⁶ Cubismo trata-se de um movimento artístico do início do século XX que retrata a natureza por meio de formas geométricas, considerado uma expressão ousada para a sua época e que logo ganhou destaque nas mais variadas obras artísticas. Informação disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes/cubismo/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

¹⁷ O carnaval de Madureira foi o evento retratado na pintura da Tarsila do Amaral, o qual relaciona o seu país natal com a inspiração de vários artistas de sua época, Paris – Amaral morou alguns anos na França. Disponível em: <<https://vejario.bril.com.br/cultura-lazer/exposta-moma-tela-carnaval-em-madureira-dividiu-opinioes/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

Como aponta Ribeiro (2015) o prefixo super e hiper, não são usados de modo supérfluos, pois denotam a realidade vivida a partir do início do século XXI, em exatidão, aos fins dos anos 90. A superabundância factual, traz consigo a aceleração dos fatos, como se os marcos históricos ocorressem em tempos instantâneos e sobrepostos, até levando ao esquecimento dos fatos ocorridos no dia anterior devido às manchetes terem outro fato em foco, não permitindo, na maioria das vezes, a discussão e a reflexão desses fatos (AUGÉ, 1994).

Corroborando com a apresentação, os produtos do capitalismo, a globalização e a industrialização, aproximam os lugares e homogeneizar as culturas, em consequência, há um aumento no fluxo migratório, apesar dessa transação e círculo de pessoas há uma “cegueira nos olhos”, característica da supermodernidade (AUGÉ, 1994, p. 20). Essa realidade é apontada por Marc Augé na conceituação de superabundância espacial.

Para compreender melhor, no cotidiano, os recursos tecnológicos, como celulares e *tablets*, estreitam as fronteiras entre as nações e os aplicativos são os elos entre os sujeitos e outros países, como o *Google Maps* e os vídeos disponíveis no *YouTube*, o qual compartilha vídeos dos seus usuários em passeios turísticos.

2 METODOLOGIA

Será feito uma revisão de literatura, com a finalidade de atender aos objetivos propostos. Como compila Bento (S/D, 1 p.), a revisão de literatura, o método que predomina nesse estudo, tem os seguintes subsídios: “localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia”. Esse conjunto de verbos no infinitivo, tem a preocupação de explicar o que é uma revisão de literatura, no entanto, o qual consiste em um acúmulo de bagagem literária para conduzir o escritor e o leitor a compreensão de determinado assunto, muitas vezes, geram mais questões para serem respondidas em comparação aquelas que estavam no início da pesquisa.

Ainda se espera de uma revisão de literatura encontrar respostas às questões ainda não investigadas completamente ou diretamente. A pesquisa de revisão narrativa consiste na verificação do conhecimento já produzido sobre a temática na literatura, no que lhe concerne, produz uma consciência do estado atual do assunto investigado. Didaticamente, Lakatos e Marconi (1973), compreendem que as seguintes etapas incorporam a revisão de literatura: (1) definição do tema, (2) planejamento da pesquisa, (3) identificação/localização/compilação, (4) fichamento e (5) análise e discussão.

Esse trabalho trata-se de uma revisão narrativa, a qual se diferencia da sistemática, com uma metodologia mais flexível e permite ao autor apresentar sua crítica pessoal sobre o tema. Esta revisão caracteriza-se por ser melhor utilizada para descrever e discutir um determinado fenômeno em profundidade. Consiste em uma metodologia que não pode ser tão definida e descritiva e não permite que a pesquisa seja replicável. Resume-se na articulação de diversas fontes de informações, como livros e artigos, para a descoberta de um assunto e a apresentação da crítica do autor (ROTHER, 2007).

Diante disso, os principais instrumentos utilizados serão as produções científicas e as performances feministas. Sobre as produções científicas, a revisão narrativa descrita parte de uma busca incessante de artigos para responder aos objetivos geral e específico. As bases de dados que alimentam a pesquisa são: (1) *Scielo - Scientific Electronic Library Online*, (2) BVS – Psi, (3) BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o buscador (4) *Google Scholar*, e a combinação das seguintes palavras chave “empoderamento feminino”, “feminismo”, “mulher”, “arte performática”, “Marc Augé” e “performances feministas”. Esses termos serão conectados por meio do boleano “and”, apenas na BVS e no *Google Scholar*.

Ademais, os critérios de inclusão para coletar os dados relevantes para a construção desta pesquisa: (a) artigos, teses e dissertações nacionais e em Língua Portuguesa e (b) disponíveis para *downloads* gratuito e completo.. Já os critérios de exclusão são: (i) não apresentar em duplicidade nas bases de dados e (ii) estar com modo restrito de visualização. Após encontrar os resultados da pesquisa, serão seguidos os seguintes procedimentos de análise: leitura do título, resumo e considerações finais. Em seguida, aqueles escolhidos serão armazenados e interpretados, conforme indica a sua metodologia e resultados.

Já sobre os procedimentos adotados para selecionar as artistas performáticas, correspondem aos critérios: (1) expressar em suas obras a realidade social vivenciada, muitas vezes, ignoradas pela sociedade de sua época, (2) ser do gênero feminino e (3) apresentar características da supermodernidade, independente do período histórico – condições que serão melhor detalhadas no tópico Resultados e Discussões. No entanto, os critérios de exclusão são (I) ser do gênero masculino – apenas de serem descritos pintores para relacionar com o empoderamento da mulher - e (II) não ter suas obras disponíveis no domínio público, pois restringe o acesso às obras.

Após adotar os procedimentos citados, obtive-se o seguinte resultado: na base de dados do *Scielo* foram encontrados 2 (dois) resultados e apenas 1 (um) foi selecionado para análise; já no site de buscas *Google Acadêmico* obtive-se 300 (trezentos) resultados da pesquisa das palavras chave e 18 (dezoito) foram selecionados para submeter a leitura; no BVS – Psi foram achados 3 (três) artigos e nenhum foi selecionado e no BDTD foram encontrados 31 (trinta e um) documentos e apenas 2 (dois) foram selecionados. A seleção ocorreu por meio da leitura do título, seguida do resumo para encontrar as palavras chave que visa detectar o tema que é debatido neste trabalho.

Os procedimentos utilizados para a análise dos dados consistem na leitura minuciosa das produções encontradas e armazenadas no computador da autora. Partindo disso, será realizado a descrição, estabelecido a relação com a performance feminista e o referencial teórico adotado na pesquisa – como aponta o tópico 3 deste trabalho. Portanto, a apresentação do caminho percorrido pela autora é imprescindível para a compreensão dos resultados discutidos no próximo tópico.

Para atender aos objetivos, serão analisadas as seguintes obras: (1) Valie Export a performance de *Touch Cinema* 1968, (2) Valie Export a performance *From The Portfolio Of Doggedness* e o (3) *Guerrillas Girls* Cartaz de Manifestação. Embora, as obras analisadas não

corresponderem ao período datado da supermodernidade, abrange o período de 1968 a 2010, por apresentarem características transcendem ao seu tempo, serão incorporadas nos resultados e discussões para articular o movimento feminista sob a ótica da teoria da supermodernidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados poderão ser divididos em categorias para a discussão, tais elas (1) o corpo feminino e a despersonalização - bem expressa pelas imagens, (2) reivindicação e/ou consolidação do espaço feminino no mundo das artes - bem expressas pelas imagens - e por fim, (3) a supermodernidade, como propulsora e limitadora das expressões artísticas, o eixo das discussões. Outra informação relevante para a compreensão da escolha das obras analisadas, apesar dos critérios de seleção e inclusão, as performances foram escolhidas para melhor adequar-se a teoria do Marc Augé, aquelas realizadas em não-lugares, ou seja, por conveniência. Diante das seguintes temáticas os resultados serão discutidos com ilustrações das performances feministas para melhor apreciação do leitor.

A arte performática tem sido uma meio de manifestação feminista. Devido a isso, a compreensão das performances desenvolvidas no final dos anos 60, tem características transcendentais ao seu tempo e permite uma análise por meio da teoria da Supermodernidade, como apresenta do decorrer deste tópico. Uma limitação encontrada e que dificulta análise dos resultados é a dificuldade de encontrar na literatura nacional materiais que relacionem a arte performática feminista e a supermodernidade, entretanto esse que teve que ser enfrentado pela pesquisadora e a análise somente flui ao comparar as obras artísticas com o livro Não-lugares: uma introdução a supermodernidade, com a versão publicada em 1994.

Diante disso, a figura 9, mostra características da supermodernidade, a performance de Valie Export¹⁸, *From The Portfolio Of Doggedness*¹⁹, realizada em 1968, traz uma junção de elementos que o público tem que refletir para compreender a mensagem de sua arte, tais elementos são: a artista, o homem, a posição deste homem e a coleira, formam um todo, apesar deste todo cada um dos elementos tem um significado, mas bem que ao se unirem adotam uma outra conotação, neste caso, basicamente, revela a relação de poder entre os gêneros feminino e masculino, como também ocorre no filme “Eu não sou um homem fácil”²⁰. Por outro lado, os elementos da performance, pelo excesso, bem exemplificam o conceito de superabundância

¹⁸ Valie Export (1940) uma artista austríaca e tem suas performances mais reconhecidas realizadas nas décadas de 60 e 70. Já o seu nome inspirado em uma marca de cigarros, devido a artista se identificar com o designer das letras, tras consigo a força do seu empoderamento, pois ao mudar seu nome, retira a marca masculina de si, isso é o sobrenome de seu pai e ex-marido. Informação disponível em:<>. Acesso em: 01 jun. 2019.

¹⁹ Tradução livre: O portfólio da Obstinação.

²⁰ Eu não sou um homem fácil, uma comédia francesa, expõe as relações de gênero com bom humor, por meio da inversão de papéis entre homens e mulheres. Com duração de 98 minutos e lançado em 2018, tem causada polêmica na supermodernidade. Informação disponível em:< <https://filmow.com/eu-nao-sou-um-homem-facil-t244267/ficha-tecnica/>>. Acesso 01 jun. 2019.

factual. Ao se apropriar do contexto, o excesso de elementos da performance se une aos outros elementos encontrados no não - lugar, como o local de transição, o coletivo que transita, os cartazes, as lojas e suas vitrines. Neste cenário de excesso, o sujeito que transita como os outros membros do coletivo para poder compreender a mensagem da performance precisa isolar os elementos que compõem o cenário de excesso e refletir.

Figura 9 - A performance de Valie Export



Fonte: Google Imagens, 2019.

Com a individuação das referências, Export consagra-se por estar em um meio que o coletivo transforma-se em individual, inclusive sua própria performance representa essa diminuição das referências, pois apenas ela, a artista, ocupa os holofotes das calçadas, isso é, o papel principal de sua performance. Apesar da contribuição artística poder transformar a consciência na supermodernidade, no entanto, como considera Marc Augé (1994) por ser realizada em não - lugares restringe seu poder de influência, por estes não serem considerados criadores de identidade e apenas locais de transição.

Outra performance de Valie Export que merece destaque no movimento feminista, é a *Tap Touch and Cinema*²¹, realizada em 1969. Novamente, a performance é desenvolvida em um não-lugar, o “não” está situado para demarcar a incapacidade de ser um formador de identidade, como bem diz Marc Augé (1994), e com astúcia a artista não encena em lugares considerados apropriados, como numa exposição de arte ou em um teatro, os lugares antropológicos, considerados construtores de referências e identidades, por estes locais serem eletizados. Nesta performance, Export tem sobre seus seios uma caixa e permite o sujeito tocá-la sem utilizar a linguagem não-verbal, sua finalidade é questionar sobre a objetificação do

²¹ Tradução livre: Toque em Toque e Cinema.

corpo da mulher na sociedade, um elemento que constitui a identidade feminina. Diante disso, o tocar – uma ação que neste cenário representa uma enchente de significações - juntamente, com os outros elementos da performance se tornam uma superabundância factual, igualmente, descrita na primeira análise.

Figura 10 - Performance de Valie Export



Fonte: Google Imagens, 2019.

Na figura 11 destaca-se Odalisca no cartaz das *Guerrillas Girls*, em primeira análise cabe considerar a inspiração do grupo vem da obra a Grande Odalisca de Jean Auguste Dominique Ingres (1780-1867), a sua retratação no cartaz visa demonstrar uma obra aclamada que revela o espaço feminino no mundo artístico, como observa-se nos contrastes das Figuras 11 e 12. Os avanços da tecnologia, em consequência da globalização proporcionam a expansão de não - lugares e juntamente com ele a solidão vem tomando conta da sociedade. É um devaneio acreditar que a internet permite um encontro genuíno entre a performance e o apreciador, pelo contrário, permite uma desencontro que merece atenção dos estudiosos e principalmente, da sociedade²². Como retrata o filme Matrix que às pessoas alienadas são mantidas em uma realidade virtualmente controlada, na supermodernidade, às pessoas são mantidas pelas redes sociais que alienam às pessoas das verdadeiras relações interpessoais. Em complemento a isso, a internet afeta o impacto que às performances feministas tem no público, pois com poucos cliques a tela de um computador ou de um *smartphone* é invadida de imagens

²² Essa informação em destaque tem a principal fonte a entrevista do antropólogo Marc Augé ao site ÉLPAISBRASIL, publicada em 31 jan. 2019, com o título *Marc Augé: “Com a tecnologia já carregamos o ‘não lugar’ em cima, conosco”*. Disponível em: <
https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/31/tecnologia/1548961654_584973.html>. Acesso em: 07 jun. 2019.

de performances e devido a essa superabundância de fatos, às performances “virtuais” perdem o sentido, observa-se este fenômeno ao buscar por *Guerrillas Girls* no *Google Imagens* ²³.

Figura 11 - *Guerrillas Girls* Cartaz de Manifestação



Fonte: Google Imagens, 2019.

Figura 12 - A Grande Odalisca de Ingre (1814)



Fonte: Artrianon, 2016.

²³ *Google Imagens* é um prestadora de serviços on-line que está incorporada a *Google*, considerado o maior buscador do mundo. Disponível em: <
http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13106/1/%202014_art_rnrsantos.pdf >. Acesso em: 07 jun. 2019.

O cartaz das *Guerrillas Girls* ao ser explorado minuciosamente, percebe-se o excesso de informações (figura 11), isso é, a superabundância factual, com a descaracterização da Grande Odalisca, a máscara de gorila - símbolo do grupo ativista - juntamente com a pergunta reflexiva e os dados estatísticos, uma extensa lista de aperitivo para o apreciador o qual se perde em meios aos excessos de fatos. O cartaz ao mesmo tempo em que ficou exposto em lugares antropológicos, em museus e grandes exposições, ficou em não - lugares, como em outdoors, mais um elemento das aglomeradas imagens que compõem a poluição visual dos grandes centros urbanos. Às *Guerrillas Girls*, um grupo feminista, que obscurece a identidade de suas participantes com pseudônimos e máscaras de gorilas, não é um grupo identitário para os seus seguidores, não devido a falta de informações sobre seus membros, mas pela explicação que na supermodernidade às referências são limitadas (AUGÉ, 1994).

Nos Movimentos feministas, a superabundância espacial, é introduzida com um discurso universal da realidade feminina, na verdade, o discurso universal encobre as realidades singulares. Essa conjugação no singular ocorre devido à centralização na ideologia produzida pelos países dominantes, excluindo outros contextos, como aqueles vividos nos países da América Latina e do amplo continente africano (CREADO, 2006).

Já sobre a individualização das referências, postulada por Marc Augé na supermodernidade, representa a solidão que até mesmo existe nos lugares antropológicos, construtores da identidade, atravessando os não - lugares – apenas lugares de transição de pessoas. A singularidade das relações é mais frequente e deixam a união do coletivo mais distante da realidade vivida (AUGÉ, 1994).

No feminismo, o empoderamento da mulher tem se aproximado do protagonismo individual e, na maioria das vezes, enfraquecendo o debate de como o coletivo interfere na falta de autonomia e liberdade feminina, sem encontrar os contornos que o sistema patriarcal realiza na vida mulher, a despersonalizando-a e tornando-a uma propriedade para a subalternidade (MANDARINO, S/D).

Diante dessa multi segregação, a globalização faz um papel importante no escoamento destas discriminações ao longo do mundo, pois ao privilegiar uma cultura tecnológica e homogênea, resultado de uma miscigenação cultural, porém um reforço do local e a cultura que “decide” se vai a haver troca ou não do mundo globalizado. Como bem explica Marc Augé, o qual aponta que há um aumento de não-lugares devido às facilidades trazidas pela tecnologia. No entanto, as obras de arte circulam o mundo digital e com apenas poucos cliques a tela é

invadida por uma imensidão de imagens, em até diferentes ângulos, um exemplo de site que se pode considerar uma exposição virtual é o *Google Arts e Culture*, o visitante deste site pode navegar em 360 graus por diversos museus ao longo do mundo (MARTINS & DUARTE, 2010; MIRA, 2015)

A internet é o alvo de pesquisa na atualidade, já no mundo da arte, tem duplo sentido, ao mesmo tempo em que é um espaço para produzir e compartilhar novas maneiras de fazer arte, também enfrenta a superabundância factual, ou melhor, é uma propulsora dos "excessos", o ambiente em que as obras de arte perdem os sentidos (COELHO, 2016).

O corpo feminino no sistema patriarcado tem sido um mecanismo para exercer a dominação fálica²⁴, para evidenciar essa artimanha que prende a atenção da mulher para desviá-la daquilo que realmente importa a subalternidade do gênero feminino. Como recurso para atingir tal objetivo o sistema patriarcal e capitalista "produz" a indústria do padrão de beleza, traços perfeitos, simétricos, magros, "esbranquiçados", joviais, o qual o envelhecimento, um processo natural do ciclo de vida humano, não é bem visto - condição tão bem descrita pela filósofa feminista Simone de Beauvoir em sua publicação. A padronização do ser mulher deixa oprimida a subjetividade²⁵, a liberdade e novamente, a coloca no âmbito privado de seus próprios desejos (COSTA, 2004).

Diante dessa padronização do feminino, diversas performances utilizam o corpo, ferramenta de opressão, para desconstruir os estereótipos de gênero e empoderar-se e transmitir esse poder a sociedade, em especial, as mulheres. Um exemplo desse manifesto é realizado por Carolee Schneemann, em uma de suas performances, a artista nua lê um livro, ao mesmo tempo, que representa condutas estereotipadas femininas e em certo momento, retira de sua vagina um rolo de papel e continua a ler. A última representação, em contraste com as outras, adverte o potencial da mulher de manifestar sua própria maneira de ser e estar no mundo, altera assim, os comportamentos já preestabelecidos, uma forma de empoderamento (SCHMIDT, 2019).

Além de desconstruir a identidade social feminina, as performances se empenham em abalar os alicerces do patriarcado por meio dos confrontos com o religioso e com o político. A turca Sukran Moral em uma exposição polêmica se ponha em pé com os braços abertos, como representa Cristo na cruz, mas com as axilas peludas e nua, com o objetivo de conscientizar que

²⁴ A dominação fálica bem expressa o complexo de Electra na teoria psicanalista freudiana. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a07.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

²⁵ Subjetividade, segundo o filósofo Sartre define como o ser para si e pode ser considerado sinônimo de consciência. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf> >. Acesso em: 06 jun. 2018.

a dominação masculina também se expressa pela religião e acaba por ser outra maneira de submissão feminina as autoridades fálicas (LUCKMANN & NARDI, 2017).

Com a análise literária sobre o movimento feminista na arte performática, percebe-se que as mulheres ativistas usam desse meio para sustentarem a liberdade, muitas das vezes, essa é suprimida pela sociedade. Diante da opressão, as performances, com criatividade e criticidade, abrem portas a diversidade e a subjetividade, contrariando os estereótipos. Dando visibilidade ao que antes era marginalizado pela cultura dominante, como questiona os padrões corporais, o qual luta contra a gordofobia; promove a liberdade sexual, conscientiza que a heteronormalidade é apenas uma construção social e encara e enfrenta o poderio masculino. Esse conjunto de condições expressas nas artes performáticas revela a identidade feminina, uma identidade subjetiva, ao invés de estereotipada como apresenta a mídia e a sociedade, análise que visa atender ao principal objetivo do estudo. Diante disso, pode se considerar as performances feministas como manifestações do empoderamento da mulher na supermodernidade.

Apesar da teoria de Marc Augé ser datada muitos anos atrás o autor em seus escritos parece descrever o futuro sem viajar no tempo, pois sua caracterização da supermodernidade bem está expressa em nosso cotidiano, por meio do avanço da tecnologia e pela difusão da internet, mecanismo que permite o encontro e o desencontro, une o que está longe e distancia o que está perto. Enquanto que torna perto o que está distante, esse objeto perde o significado, pois tem que competir com outras referências. No mundo das artes, esse conteúdo se torna evidente e desagrega o seu poder de transformar a realidade, no entanto, o feminismo se apropria e consolida-se na internet, por meio das redes sociais, para espalhar sua ideologia de libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento feminista se apropria da arte performática para utilizar os corpos, requisito de dominação fálica, com o mensageiro que carrega os questionamentos, juntamente, com a estranheza à sociedade. Tem sido um veículo para reivindicar os direitos que estão sendo usufruídos pelos homens, consiste em uma maneira de empoderamento feminino. Na supermodernidade, os não – lugares são ambientes que há elementos em excesso e em meio a este conjunto encontra-se a performance, realizada em paralelo à superabundância factual, como a arte de Valie Export, considerada um mecanismo que atrai olhares dos sujeitos que se locomovem, pois, se difere do tradicional e do conservador, mas para transformar a realidade vivida, espera-se que os sujeitos reflitam sobre a arte. Sem generalizar os resultados, apenas se apresenta os encontrados, considera-se que as performances se encontram em diversos locais e em variados tempos, devido ao encurtamento do espaço e tempo, produto da internet que tem recursos para parear localizações e transpassar as pessoas do presente, a locomovendo – as em outra época histórica, com um simples busca no *Google*.

Diante dos resultados apresentados, a relevância desta pesquisa encontra-se na apresentação e na análise sob a ótica da supermodernidade, uma fronteira encontrada na pesquisa. Atende ao objetivo central da pesquisa apresentada, pode se considerar que foi atendida com sucesso, devido à superação da limitação encontrada na literatura, sendo que não apresenta produções científicas que apresentem a correlação da arte performática feminista com a supermodernidade, desconsidera-se as deficiências do estudo. No entanto, cabe considerar que com a limitação encontrada e escolha da metodologia de revisão narrativa de literatura foi apropriada para atender aos objetivos, devido sua flexibilidade em selecionar as produções analisadas, permite ao pesquisador explorar a temática sem se prender a um rigoroso processo que não permite investigar, além daquele caminho já delimitado, apesar de se reconhecer suas contribuições à outras temáticas já bem exploradas e discutidas na literatura.

Ao pensar na correlação da arte performática feminista com a teoria da supermodernidade surge vários questionamentos, como “o uso do corpo na performance é considerado um ambiente de lugar apesar de estar em um não lugar?” e “a arte performática não tem bem suas fronteiras estabelecidas na supermodernidade e precisa sair dos modos convencionais de fazer arte para impactar o público mergulhado na superabundância factual?” e outras perguntas que se relevam quando não são relevadas. Na literatura nacional, não se encontra materiais que respondem este conjunto de questionamentos – ao se considerar as

limitações metodológicas - no entanto, esta deficiência pode ser encarada, dentro de uma visão positiva, como um outro campo para os pesquisadores mergulharem e descobrirem belezas até então não exploradas. Partindo desta visão, este estudo se posiciona como um convite aos curiosos, adjetivo que bem expressa um pesquisador, para investigar a relação da arte performática feminista com a ótica da supermodernidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. L. de. **O feminino na arte e a arte do feminino: movimentos libertários do século**. 2010. Disponível em:<<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 17 maio 2019.

ARRUDA, Lina Alves; COUTO, Maria de Fátima Morethy. Ativismo artístico: engajamento político e questões de gênero na obra de Barbara Kruger. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 389-402, Agos. 2011.

BASTOS, C. **O corpo como artefato e estratégias feministas**. VIII Congresso de ABRACE, Belo Horizonte, UFMG, 2014. Disponível em:<<https://www.publionline.iar.unicamp.br>>. Acesso em: 16 maio 2019.

BETEMPS, Caroline. Feminismos transnacionais descoloniais: algumas questões em torno da colonialidade nos feminismos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, maio 2019.

CAETANO, I. F. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. 2017. Disponível em:<<http://www.emerj.tjrj.jus.br>>. Acesso em: 17 maio 2019.

CAMPOS, M. **Reinvenção do feminino na performance contemporânea**. 2012. Disponível em:<<http://www.portalabrace.org>>. Acesso em: 19 maio 2019.

COELHO, M. P. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesqui. Prát. psicossociais**, São João del-Rei , v. 11, n. 1, p. 214-224, jun. 2016.

COMPARATO, F. K. Capitalismo: civilização e poder. **Estud. av.**, São Paulo , v. 25, n. 72, p. 251-276, Aug. 2011 .

CORREA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 16, p. 13-30, 2001.

COSTA, S. G. Movimentos feministas, feminismos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. spe, p. 23-36, Dez. 2004.

DELFIM, J. Hoje eu não vou servir o café. **Concinnitas**, ano 17, vol. 02, n. 29, junho de 2017.

FERREIRA, D. A. O corpo como local de discurso: artistas mulheres em África. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Ano VII, N°XIII, Julho/2014.

FERREIRA, I. S. de O. OLIVEIRA, L. F. **ARTE: Conceito, Origem e Função**. S/D. Disponível em: <<http://www2.ufersa.edu.br>>. Acesso em: 16 maio 2019.

FIORAVANTI, D. C. B. **A pesquisa brasileira acerca do feminismo: uma análise da produção científica brasileira indexada na base de dados Scopus**. Dissertação (de Mestrado) da Faculdade de Filosofia e Ciências, 2019, 55 p. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br>>. Acesso em: 16 maio 2019.

FISCHER, S. **Mulheres, Performance a Ativismo Feministas Decoloniais**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & *13th Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br>>. Acesso em: 16 maio 2019.

HODGE, S. **Breve história da arte: um guia de bolso dos principais movimentos, obras, temas e técnicas**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018. Disponível em: <<https://ggili.com.br>>. Acesso em: 17 maio 2019.

LUCKMANN, F. NARDI, H. C. Um corpo (des) governado: hierarquias de gênero, governamentalidade e biopolítica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1239-1255, out. 2017. ISSN 1806-9584.

MAGALHAES, Roberto Carvalho de. História da Arte ou Estória da Arte?. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 407-418, Dec. 2008

MAGALHES, L. LEAL, P. C. A arte performática, corpos e feminismo. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n.3, nov., 2016.

MARIANO, Fátima. O que é feminismo?. Faces de Eva. **Estudos sobre a Mulher**, Lisboa, n. 35, p. 216-220, jun. 2016.

MATOS, M. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, Jun. 2010.

MENDES, R. S. VAZ B. J. de O. CARVALHO, A. F. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito**, Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba, N° 03 - Ano 2015.

MIRA, R. A arte sem história: Mulheres e cultura artística (Séculos XVI--XX). **Faces de Eva**. Estudos sobre a Mulher, Lisboa, n. 33, p. 192-195, 2015.

NOCHLIN, L. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. São Paulo: Edições Aurora, 2016, 2 ed. 28 p. Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com>>. Acesso em: 15 maio 2019.

PINHO, A. F.; OLIVEIRA, J. M. de. O olhar político feminista na performance artística autobiográfica. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 27, p. 56-76, 2013.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, Jun. 2010.

PLAZA, J. Arte/ciência: uma consciência. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 37-47, 2003.

ROTHER, E. T. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paul. Enf.**, vol. 20 (2), 2017.

SANTOS, J. M. P. **Breve histórico da “performance art” no brasil e no mundo**. Disponível em: <<http://www.revistaohun.ufba.br>>. Acesso em: 16 maio 2019.

SCHMIDT, S. P. Mulheres, negritude e a construção de uma modernidade transnacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, maio 2019.

STUBS, R. et. al. Corpos, subjetivações estéticas e arte e feminismos: passagens na pesquisa em **Psicologia**. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 211-218, set.-dez. 2015.

TRIZOLI, T. **O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações**. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais – 19 a 23 de agosto de 2008 – Florianópolis. Disponível em: <<https://feminismo.org.br>>. Acesso em: 17 maio 2019.

TROJAN, R. M. A arte e a humanização do homem: afinal de contas, para que serve a arte?. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 12, p. 87-96, Dec. 1996.

TVARDOVSKAS, L. S. Rosários e Vibradores: Interferências feministas na arte contemporânea. [in] RAGO, M. FUNARI, P. **Subjetividade Antigas e Modernas**. Editora Cidade e País: Annablume, São Paulo, 2008, 19 p. Disponível em: <<https://historiacultural.mpbnet.com.br>>. Acesso em: 16 maio 2019.

ZANINI, Walter. Arte e História da arte. **Estud. av.**, São Paulo , v. 8, n. 22, p. 487-489, Dec. 1994

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 5 ed. 2003, p.

RUSH, M. **Video Art. London**: Thames & Hudson, 2003.

LANÇA, L. G. **A profanação sagrada de Márcia X**. 2017. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>. Acesso em: 19 maio 2019.